

Diálogo de cães

JOSÉ CARLOS AZEVEDO

Há semanas, uma revista de circulação nacional afirmou que, entre 1985 e 1987, mais de um milhão de brasileiros, de melhor capacidade profissional, deixaram o Brasil para residir, em caráter definitivo, na Austrália, Portugal, Nova Zelândia, Itália e Estados Unidos, fato sem precedente em nossa história. Não se ficou sabendo quantos já emigraram em 1988.

Na mesma ocasião, noticiaram uma reunião havida em Florianópolis e promovida pelos reitores filiados ao Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras (Crub), para, à custa do Erário, discutirem trivialidades da educação, autonomia e outros temas, panos de fundo para a repetitiva reivindicação de "mais verbas para a educação". Segundo comentários da imprensa, o relatório final da reunião é de qualidade incompatível com o nível desejado de seus signatários. O Crub decidiu também identificar meios para melhorar a imagem das universidades que, disse ele, é ruim e não corresponde à realidade.

Também nessa ocasião, noticiaram que um reitor, recém-nomeado pelo presidente da República e escolhido de lista "democraticamente" elaborada pela comunidade acadêmica (ou seja, os votos do servidor mais despreparado e o do aluno mais incapaz valem tanto quanto o do professor mais competente), estava impedido de assumir suas funções, pois a mesma comunidade fazia valer, "na marra", segundo a praxe dos dias de hoje, sua preferência por outro nome da lista. Como se não bastasse, concomitantemente, outro reitor foi mantido em sequestro durante várias horas, democraticamente, e pela tal zelosa comunidade. Mas tudo acabou bem. O reitor que deveria assumir assumiu, o que deveria sumir não sumiu e o Crub foi poupado de ter de repudiar com veemência esse novo ato de truculência e vandalismo que exemplifica o estado atual da educação. E poderá continuar a falar de verbas e autonomia.

A emigração tornou-se previsível a partir da edição do Plano Cruzado, que criaria riqueza do nada e não aumentaria a cota de trabalho e de sacrifícios da população, mas decorreria apenas de um decreto com uns 20 artigos, cuja concepção não ocorrera a ninguém, em milhares de anos, pelo menos desde Hamurabi. Entretanto, a atuação do Crub e os incidentes com os reitores não deveriam surpreender a ninguém porque são frutos da educação no Brasil de hoje: "Ou o poço era muito fundo ou ela

caía, muito devagar, pois tinha muito tempo, à medida que caía, para ver o que ocorria, ou mesmo imaginar o que iria acontecer", conjecturou Alice, a do outro país das maravilhas, quando caía num poço bem menos fundo que o em que se projetou a educação brasileira.

Só os demagogos, aproveitadores e intelectualmente despreparados ignoravam que o ensino no Brasil acabaria assim, com alunos, professores e servidores se equivocando e em nível tão baixo. Ninguém, além deles, ignorava que a avalanche de contratações para as universidades e a omissão de dirigentes interessados apenas em parecer "democráticos" levaria a esse estado de coisas. Ninguém, de bom senso, desconhecia que nosso sistema de ensino estimula o corporativismo e que nos levaria a essa espécie de república sindical.

Paradoxalmente, entretanto, foi a partir de 1964 que o baixo marxismo tomou conta das instituições educacionais, principalmente as de nível superior, e decorre daí também a má qualidade do ensino. Paradoxalmente também nada há de novo em matéria educacional desde que a humanidade compreendeu que sua sobrevivência dependia apenas de sua capacidade de transmitir às gerações futuras suas experiências e conhecimentos. Mas no Brasil, em matéria de educação, sempre se preocuparam com aparência, em fazer a cumieira antes dos alicerces, pensando ainda que um monte de tijolos é necessariamente uma casa, para usar a expressão de Poincaré. Nas Novellas ejemplares, há cerca de 400 anos, Cervantes pôs na boca dos cães Berganza e Scipio as seguintes palavras: "B. — Isso me faz pensar que o que ouvi outro dia de um estudante que passava por Alcalá de Henares era um portento. S. — E o que ouviu dizer? B. — Que dos cinco mil alunos da universidade, naquele ano, dois mil estudavam medicina. S. — Bem, e o que infere daí? B. — Infiro que, ou esses dois mil doutores têm pacientes a cuidar, o que seria uma calamidade e um infortúnio, ou que eles morrerão de fome".

Não será difícil ao Crub, valendo-se também dessas judiciosas observações de Scipio e Berganza, melhorar de fato a imagem das universidades, prestando assim inestimável serviço ao Brasil e bastará fazer o óbvio. Porque a crise de hoje não é econômica nem política. É educacional e, sem mudar a educação, não será possível mudar o Brasil. E, se continuar assim, será melhor, logo mais, devolver o País a Portugal, pedindo desculpas. Resta saber se Portugal irá aceitar.